

dou comida que dá para uma semana e que amanhã a mesma pessoa já vai pedir a outra instituição, então está bem. Agora, se eu dou um saco com uma refeição como é que eu tenho coragem de esperar que ela dure até a próxima semana? Até à pessoa sair daquela miséria como é que ela vai viver?

O cruzamento de dados, na minha maneira de ver, não é para as instituições se ajudarem, é para se defenderem contra o inimigo comum, que é o pobre. Eu estou aqui para servir a minha instituição, não para servir bêbados, prostitutas, malandros ou abusadores. A minha instituição cumpre regras, o resto não tem importância. A burocracia é terrível.

Quem me dera que as associações conversassem mais entre si, mas não trouxessem certezas. (...) Para mim o grande modelo, que me inspira muito, são os bombeiros: os bombeiros quando vão a um acidente não perguntam quem vinha com excesso de velocidade, se tem carta de condução ou não tem ou quem causou o acidente. A única coisa que eles perguntam é: “Onde é que está a doer?”

Em que é que este grupo ‘Gente Ajudando Gente’ é diferente das outras instituições que já existem? Nunca pensei que o grupo ‘Gente Ajudando Gente’ ia ser uma Associação. É uma maneira de viver (...) Nós nunca mandamos ninguém embora. O nosso ponto de referência é sempre aliviar o sofrimento da pessoa. Não é ouvir recados ou piadas... Se está a sofrer e precisa de ajuda, é agora que vamos ajudá-la.

Neste momento, estamos a ajudar entre 50 a 60 famílias, a regularizar o passe, a renda da casa, medicamentos. O nosso objectivo principal é libertá-las da pobreza (...) mas trabalhar com os pobres é uma tarefa ingrata.

Com efeito, vemos cada vez mais pessoas em situação de sem-abrigo na cidade do Funchal. O que se faz a estas pessoas que, muitas vezes, se recusam a sair das ruas? Não é que não queiram [sair das ruas], é parte da doença deles (...) A maior parte das pessoas que nós estamos a ajudar tomam medicamentos do foro mental. Qual é a pessoa no seu perfeito juízo que escolhe dormir na rua, quando às vezes já lhe foram oferecidas tantas oportunidades?

Não acho que a pobreza seja resultado do álcool (ou das drogas), mas antes o álcool resultado disso. A droga já é resultado duma miséria. Ninguém escolhe ser drogado, ninguém escolhe ser prostituta... aconteceu. Não sei amanhã serei eu, se não vou fazer a mesma coisa. As circunstâncias da vida levam àquilo. Depois ficam tão escravizados...

Uma vez conheci uma senhora que era sem-abrigo, mas estava na Casa de Saúde Câmara Pestana. Quando a enfermeira chegou lá durante a noite viu-a no chão e pensou que ela tinha caído da cama. Foi lá ver, mas ela não tinha caído. Tinha posto um cobertorzinho por

baixo dela. Ela já não sabia o que era dormir numa cama.

Também pode acontecer quererem levar uma pessoa para uma instituição para a qual ela não está preparada para ir. Já paguei a renda de um sem-abrigo durante três meses e ele nunca ficou lá (...) Agora eu não vou dizer que a culpa é dele. A minha estratégia é que não funcionou com ele. Tenho de criar outra estratégia, talvez aprendendo dele.

Está a dizer que antes de tirar as pessoas da rua, há um trabalho de fundo que se podia fazer junto destas pessoas? Pois! Mas ajudar, não é forçar. O Paulo Freire tem um livro que é ‘Pedagogia do Oprimido’ que faz uma distinção entre domesticar e libertar. Não posso ir à rua e dizer: “daqui por diante você vai ter de ser assim”. Além disso – eu repito isto muitas vezes – eu não posso tentar libertar uma pessoa das suas dependências – quer seja da prostituição, da droga ou do álcool – sem estar aberto a que ele me ajude a mim a libertar-me das minhas dependências... porque todos nós temos dependências. O que acontece é que as nossas muitas vezes são aplaudidas. Como por exemplo? Há dias vi num jornal uma pessoa que tinha acabado de comprar um carro que custou 8 milhões de euros e tinha já outro em que custava 11 milhões de euros. Tinha acabado de comprar um iate, comprou depois uma propriedade, onde havia casas a ser vendidas por 30 milhões de euros cada uma... Acha que havia alguma crítica? A sociedade apoia isto. Eu não tenho crítica há pessoa que fez isto, ela faz parte de um sistema... Mas tem uma crítica ao sistema? Tenho uma crítica terrível ao sistema que permite uma coisa destas (...) Há tanto desperdício. Mas, não. Não há revolta contra isto. Está tudo bem assim.

Lí numa publicação americana que, na sociedade de hoje, a imagem não é o mais importante. É a única coisa importante.

Estive 42 anos nos Estados Unidos... vi muita coisa. Primeiro, estive 9 anos em África, em Moçambique. Passei de um dos países mais pobres do mundo para o país de maior desperdício do mundo. Vi muita pobreza em São Francisco, aliás, vi mesmo miséria. Aquelas praças cheias de gente pobre, mães com bebés dentro de caixas (...) Mas numa ilha turística, tão bonita, não se pode falar de



## A POBREZA É UM TABU

### NINGUÉM ESCOLHE SER DROGADO OU PROSTITUTA (...) QUE AS ASSOCIAÇÕES NÃO COMECEM POR JULGAR

### QUANDO NÓS REZAMOS DEVEMOS REZAR COM A BÍBLIA NUMA MÃO E O JORNAL NA OUTRA. TRAZER PARA DENTRO DA IGREJA OS PROBLEMAS DO MUNDO E LEVAR A IGREJA PARA O MUNDO, NÃO É À PARTE, É MISTURADA COM O MUNDO

pobreza (...) os ‘pedintes da Sé’ dão má imagem à Madeira.

A pobreza é um tabu. Hoje já se pode falar de sexo – na televisão e tudo – mas de pobreza não (...) Às vezes não sou bem visto por causa da minha opção pelos pobres.

No seio da própria Igreja também não é popular falar sobre estes temas?

Quando veio Nossa Senhora de Fátima à Madeira disseram-me que na missa de despedida estavam à volta de umas 4 mil pessoas à Porta da Catedral. Nessa mesma semana, houve uma caminhada contra a pobreza, a fome e a exclusão social. Os jornais disseram que participaram 12 pessoas... Mas Nossa Senhora de Fátima veio para isto! Para sermos todos irmãos, para cuidarmos uns dos outros.

(...) Dizem que Jesus veio salvar as almas. Jesus veio salvar pessoas. E as pessoas têm corpo e alma, por isso, quando uma pessoa cuida do seu corpo – faz dieta ou compra um par de sapatilhas para caminhar meia hora por dia – acho que isso é tão importante como rezar o terço.

Os seus colegas sacerdotes concordariam consigo? Não acha que estas questões mais ‘terrenas’ são descuradas pela Igreja? Eu acho que descura, sim. “Um teólogo dizia: quando nós rezamos devemos rezar com a Bíblia numa mão e o jornal na outra”. Houve uma altura na minha paróquia em que, no ofertório, as pessoas levavam o pão, o vinho e o

jornal. É trazer para dentro da igreja os problemas do mundo e levar a Igreja para o mundo. Não é à parte, é misturada com o mundo. Jesus não veio estabelecer a Igreja Católica. Jesus veio estabelecer o Reino do Pai. A Igreja Católica – ou qualquer Igreja – é um instrumento para construí-lo.

Nós vamos à igreja não é para sermos protegidos, é para sermos enviados para o meio dos problemas, das dificuldades, do sofrimento. Eu acho que devíamos estar cada vez mais atentos ao sofrimento. É aquilo a que o Papa Francisco chama de “terrorismo da indiferença”.

Como é que gostava de ficar recordado pelo seu trabalho? Qual era o legado que gostava de deixar? Como amigo dos pobres, para que este mundo fosse mais habitável, mais humano, mais terno. Nós madeirenses chamamos-lhe baboseira. Devemos fazer mais ‘baboseiras’ uns aos uns outros – ao pai, à mãe, aos avós, ao vizinho – o Bom Pastor é isso.

Esta é também a mensagem que está por detrás da concretização do oratório na Bica da Cana? Quando fiz 50 anos de ordenação, o senhor bispo ofereceu-me uma imagem [do Jesus Cristo do Bom Pastor], mas achei que era uma imagem demasiado simbólica para estar confinada numa sala, até porque na Madeira não há nenhuma paróquia dedicada ao Bom Pastor. Então, foi quando entrei em contacto com o Instituto das Florestas.

A escolha do local também não foi ao calhas, está relacionada com uns passeios à Bica da Cana, que comecei a organizar, por volta de 1955, ainda era eu seminarista. Na altura, a serra era um lugar de sofrimento e de trabalho, onde todos os anos se ia apanhar a feiteira, e começou então a transformar-se num lugar de divertimento. No primeiro passeio éramos cinco pessoas, íamos a pé... depois começamos a ir todos os anos à Bica da Cana. Na altura ainda não havia piqueniques como há agora. Era a única coisa que a gente tinha. Uma das minhas primeiras missas foi na Bica da Cana também.

Espero que esta imagem seja fonte de inspiração e que as pessoas que passem lá sejam inspiradas a fazer o que o Bom Pastor fez e ir ao encontro do perdido.

